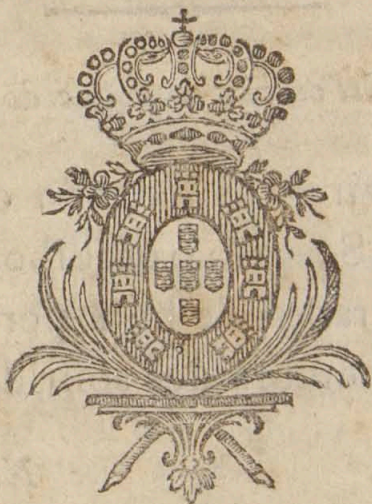


3354

V E R S O S
 QUE, NO FAUSTISSIMO ANNIVERSARIO
 D E
 S. A. R.
 O PRINCIPE REGENTE
 DESTES REINOS,

A D D I T O U
 NA PRAÇA DO ROCIO DE LISBOA
 JOSE' PEDRO DA SILVA,
 A' SUA ILLUMINAÇÃO,

Que adornou pela maneira seguinte:



L I S B O A:
 NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO DE 1814.

Com Licença.

1
P2

No centro da Illuminação , em hum Quadro adornado
de bellas allegorias , via-se em busto a Augusta Effi-
gie de S. A. R. , e na fita do mesmo Quadro
este Verso :

A Gloria ; a Paz , o Amor Te estão chamando.

Do lado direito estes :

A Patria Tua, ó PRINCIPE, em Teu Dia
De seu passado brilho ao auge chega ;
Por Ceos, negros de guerra, e tyrannia,
As azas co'a Ventura a Paz desprega.

Est'outros do esquerdo :

Teu Povo Te vingou: vingado o Mundo
Olha em Teu Sceptro o escolho dos Tyrannos,
E a leda esp'rança de hum por-vir jucundo
Lhe apaga a sombra dos soffridos damnos.

N. A. P. P. M.

O D E.

*Or s'anima d'onor prende diletto
Mio Canto ascolti, e se lo chiuda in petto.*

Chiab. Ode 34. Stroph. 6.

S T R O P H E I.

QUANDO a trombeta horrisona da Guerra
Com clangor pavoroso
Retumbando na Europa, esturge ao longe
America remota,
Quem forças me dará com que desperte
Da Pindarica Lyra os sons cadentes?

A N T I S T R O P H E I.

Ledos caramanchões de alta verdura,
Regato entre alvas flores,
Cascata em per'las liquidas desfeita,
Hum Prado, hum Bosque, hum Monte;
Paz, Incuria, Abundancia, ás Musas quadra,
Que ao raio tremem, que ao trovão desmaião!

E P O D O I.

Mas entre o rouco brado
Dos vulcanicos trovões, que abatem muros;
Sobre os campos, que junção
Cadaveres sangrentos;
Entre os ais dos vencidos, que perecem;
Entre o brinde feroz dos que triunfão;
Cytharas desafinão, morre o canto!

S T R O P H E II.

Taes, se a dextra de Augusto as portas fecha
Do simbolico Jano,
Fulgem Horacios, e florescem Maros:
Mas, se do Norte os Filhos
Enxorrão sobre o Lacio, acabão Vates,
E grasnãõ só de espaço Elmiros, Bavios!

* 2



A N T I S T R O P H E II.

Porém Amor da Patria, e da Virtude
 Que no meu peito alvergo,
 Querem, que espalhe com Thebanos modos
 Pelo vasto Universo
 O Nome de João, que os Ceos recrea,
 Enche de gloria os Bons, e os Máos de susto!

E P O D O II.

João . . . ao grato Nome
 Exulta a Natureza, e o Sol se aviva!
 Risonho o flóreo Maio
 Oditosos perfumes
 Pródigo espalha em torno! em seus Pomares
 Mais bella, mais gentil reluz Pomona!
 Innocencia sorri! Pazar se alegra!

S T R O P H E III.

De Antoninos, de Titos, de Trajanos
 Blazone a antiga Roma;
 Austria exalte Joseph, Luiz a Gallia;
 Toscana o seu Leopoldo;
 Elysia mais feliz virtudes delles
 No preclaro João desfructa unidas!

A N T I S T R O P H E III.

Como seu Astro em lucido Oriente
 Rutila magestoso
 Do Mundo antigo ao novo! . . . qual descende
 Do Sol potente influxo,
 Que no seio da terra os metaes gera,
 Dos dois Orbes os bens derivão Delle.

E P O D O III.

Por Elle o Brazil despe
 Seu plumoso, selvatico atavio;
 E as Europeas Artes
 Consente que lhe adornem
 De seda, e oiro os denegridos membros;
 Que sublime cothurno ao pé lhe ageitem;
 Troca ao nectar do Douro Humano sangue!

S T R O P H E IV.

Cruento Despotismo altea a fronte
 Na revoltosa Gallia,
 Estende a ferrea dextra, algema os Povos;
 E das curvas cabeças
 Dos Reis que derrubára os degrãos fórma,
 Para ao throno subir, que altivo usurpa.

A N T I S T R O P H E IV.

Impia Guerra marchando ao seu aceno
 De Eumenides cercada
 Morticinios, estragos, roubos solta:
 Aqui a Mãe afflicta
 Abraça moribunda o Filho exangue,
 Lá sobre o Esposo extincto a Esposa ultrajão!

E P O D O IV.

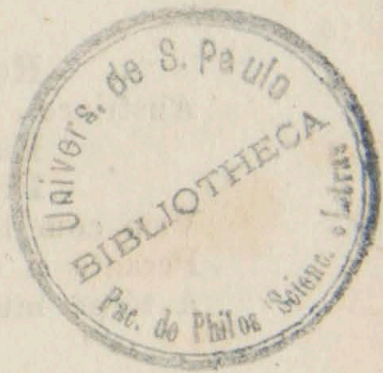
Nas equoreas campinas
 Baixeis contra Baixeis abalroando
 Em raios se desfazem!
 Sulfurea labareda
 Cresta as azas do vento, attonta as vagas,
 E ao medonho estampido espavoridas
 No fundo peço escondem-se as Nereidas!

S T R O P H E V.

Farto Leão entre arvores repousa,
 E com desprezo observa
 Na planice brigando os igneos Touros:
 Mas se hum delles o investe,
 Ruge implacavel, salta, afferra, empolga,
 Despedaça, affugenta, aquelle, e a todos.

A N T I S T R O P H E V.

Tal se ao Téjo as falanges do Tyranno,
 Em guerra se aproximão,
 Surgem Lusos, e João no peito, em labios,
 A's Armas se arremessão!
 Cerrão, combatem, vencem, pizão Aguias,
 E do Rei defendido aos pés as prostrão!



E P O D O V.

Ao generoso exemplo
 D'Ibero, e Lusitano, á semelhança
 Da electrica centelha
 No Nórte se propaga
 Da Liberdade a chamma, e desde Ukrania
 A's margens do Elba, e do Danubio ás margens,
 He brado universal „caia o Tyranno!

S T R O P H E VI.

Que densos turbilhões de fogo e fumo
 Os ares escurecem!
 He Troia que arde? O O'rcó, que se expande?
 He o impávido Russo
 Que ao fogo dá Moscow, e ao Gallo a rouba:
 Tal Virginio, matando-a, a Filha salva!

A N T I S T R O P H E VI.

Mas já por ermos desolados campos
 A' toa fugitivo
 Batido, inerme, e nú se evade o Gallo;
 Ora a fome, ora o gelo,
 Ora, mais destructor, que o gelo e a fome,
 O prostra, o mata o barbaro Cossaco.

E P O D O VI.

Respira o Prusso ousado,
 Austriaco, Sueco, e de passagem
 Engrossando com hostes
 Das Nações, que libertão
 Vem com fulmineo impeto trazendo
 Perante si dos Wandalos do Sena
 A torpe multidão, e em França a fechão!

S T R O P H E VII.

Com pasmo, e raiva, e dôr o Franco observa
 Em seu proprio terreno
 Os mesmos que ao relampago tremião
 Da sua espada ha pouco! . . .
 Desadora o seu Déspota, deixado
 De Amigos, e de Affins, Parentes, Servos!

A N T I S T R O P H E VII.

Porém pasma inda mais, mais desadora
 Quando á sombra das Quinas
 Refloresce em Bordeaux pizado Lirio!
 Quando o Gascão remido
 Delira de prazer, e em gratos hymnos
 Com João, com Luiz atrôa os ares!

E P O D O VII.

Em luminosa Nuvem
 Do Martyr Rei o Espirito fulgente,
 Dizem, que então foi visto
 Todo em prazer celeste
 Rutilando o semblante magestoso
 Aos Filhos apontar, e á bella Esposa
 Para a livre Cidade em Benções ledas!

S T R O P H E VIII.

Gloria ao Pio João, gloria mil vezes
 Que o Ceo nos concilia! . . .
 Gloria aos vassallos de tal Rei credores!
 Gloria á Consorte Augusta,
 Que em Prole digna delle o faz tão rico!
 Gloria ao Tronco que deo tão gentil Fructo!

A N T I S T R O P H E VIII.

Muros de Badajoz, e de Rodrigo!
 De Talavera oh campos!
 Bussaco! Pyreneos! Adour, e Nive!
 Após que sorva o Lethes
 Centos de gerações, ao Mundo em pasmo
 Memores contareis nossas proezas!

E P O D O VIII.

Não mais, não mais ó Musa,
 Que pélagos a sulcar nos resta immenso,
 Se proseguir intentas
 Do Principe sublime
 Louvores immortaes! . . . as vélas colhe;
 E, antes que a naufragar te leve o Noto,
 No Porto, que já vês, entra, e dá fundo!

Por J. M. da Costa e Silva,

O D E.

S T R O P H E I.

Pois que hum Alumno vosso em mim creastes,
 Divas habitadoras
 Do bi-partido Monte;
 Pois vosso me influis divino alento,
 E, mal começo a dedilhar na Lyra,
 A mente me inflammais, me ergueis o canto;
 Hoje de novo peço
 Que hum vosso novo facho rutilante
 Abra Olympios clarões na idéa minha;
 E, á Thebana feição tecendo as flores
 Que no Hélicon verdejão,
 A hum pacifico Heróe esmalte a C'roa,

A N T I S T R O P H E I.

Possão meus Hymnos, invadindo a estancia
 Do enrugado Saturno,
 Serenar-lhe o semblante,
 Forçallo a abandonar relógio, e fouce;
 A, attrahindo c'os sons harmoniosos
 Lustrosa turba de foigões prazeres,
 Dar novo brilho aos Orbes,
 Dar hum novo esplendor á Natureza,
 E desdobrar tão bello este almo Dia
 Em que João gozou da luz primeira,
 Que ao seu fulgor nativo
 Pareça aos Homens devolver-se o Mundo.

E P O D O I.

Aureos Hymnos Dirceos, festiva prole
 D'inspirados espiritos sublimes
 São justo, são brilhante, e digno premio
 De não vulgar virtude;
 Recordação eterna aos Homens deixa
 Aquelle cuja fronte
 De louros foi Castalios adornada.

S T R O P H E II.

Olimpicas fadigas perigosas
 Tu, ó Cysne do Ismeno,

A cujo canto egregio
Igual aos evos duração foi dada,
Assim fizeste em seculos vindouros
Longi-troar nos cem clarins da Fama;

Do ingrato seio escuro
Do lethargico Rio pavoroso
Foi assim que arrancaste os Nomes grandes
Dos Heróes que inda hoje a Grecia chora,
Derão espanto ao Mundo,
E gloria á sabia Natureza derão.

A N T I S T R O P H E II.

Teus vãos seguirei: Comtigo aos Astros,
Se tanto me for dado,
Remontarei de hum vôo;

Qual Tu aos teus Heróes, darei eu fama
Ao Lusitano Principe ditoso;
Palmas hirei colher da Gloria ás varzeas
Que immarcesciveis durem

Em porfia co'a longa Eternidade;
E com ellas, máo-grado á Inveja, ao Tempo,
Lhe adornarei a fronte magestosa:

Nem só guerreiro esforço
He digno de louvor, de Versos digno.

E P O D O II.

Cem bárbaras, indómitas Phalanges
Daqui, dalli vencidas se prostrarão
Do braço de Alexandre procelloso
A' insolita fortuna;

De sua invicta espada aos fataes gumes
Assombrado o Oriente

Louros mil de victoria vio cortados.

S T R O P H E III.

Da Memoria nos bro zes estampado
Seu vulto inda scintilla;

Marte, o Heroismo, a Gloria
Os mil triunfos seus apontão ledos:

Posto que entre ruinas submergido
Ao bruto Despotismo succumbisse

O Macedonio Imperio,

Lá inda Echo repete os seus louvores! . . .

Mas nova se propõe á minha Lyra

Em sons vibrados realçar virtude;

João meus sons demanda

Maniatada a Lisonja em grilhões duros.



A N T I S T R O P H E III.

Aónios turbilhões me fervem n'Alma ;
 Dei-fúlgidas rutilão
 Amplas idéas minhas ;
 Sobre as azas de Clio equilibrado
 Corto soberbo o espaço do Futuro . . .
 Oh ! de faustos prodigios que opulenta ,
 Nova urdidura vejo !
 Marcada pela mão de amigos Fados
 Cem torrentes derrama de ventura
 Cada huma das placidas Auroras ,
 Que , além do usual brilhando ,
 Teu Dia , Alto JOAO , risonho accrdão.

E P O D O III.

Nas tôrvas fragoas do feróz Gradivo
 Ardia acceza a flagellada Europa ;
 Com sanguineo furor da guerra o Monstro
 Na Corsega se erguera ,
 E , crendo toda ferro a Natureza ,
 Ao ferro desde a infancia
 As gerações inteiras entregava.

S T R O P H E IV.

Em ferro , em fogo , em lagrimas , em sangue
 A Europa se inundava ;
 Ditosa com Teu Mando ,
 Lysia no emtanto prospera , opulenta
 As Artes , as Sciencias affagava :
 Mas já por Teus Dominios venturosos
 Prende a rabida flamma
 Do Despotismo atróz ; he fado a guerra ,
 He sonho a paz , e a escravidão negreja :
 Para encurtar o mal , o Padre Oceano
 Te accena , que precauto
 Te entregues a seu seio aventuroso.

A N T I S T R O P H E IV.

O pranto reprimindo , a Patria deixas ,
 Sacrificado á Patria :
 Em teu brioso Povo
 Liberdade , e vingança espertão furias
 D'indómito valor ; sibila irada
 A Lusitana Serpe vencedora ;
 Audáz erriça a júba
 O impavido Leão da altiva Iberia ;
 Unido aos dous , o Leopardo brama ,

E ao terror de seus golpes triunfantes
 Usurpadoras Aguias
 Começão de largar o que empolgárão.

E P O D O IV.

Porém já no Boristhenes fuzilão
 Os medonhos trovões do Despotismo ;
 E, c'ò Hesperico exemplo affervorados
 Os duros Filhos do Hetnnan, (*)
 Fórção a arripiar caminho em fuga
 O presumido incauto
 Factor de leis , que toda a lei quebrava.

S T R O P H E V.

Angl' Iberos , e Lusos vencedores
 Em Bourdeaux , em Toulouse
 Os Lirios desabrochão ;
 Moscovitas , Suecos , e Germanos ,
 Torrente impetuosa o ferreo throno
 Do Despotismo abate , e em toda a França
 Luiz he proclamado :
 Ao seio de seu Povo , que o suspira ,
 Volve o chorado , prospero Fernando :
 Desaffrontada a Europa aguarda os dias
 Que vem para ostentalla ,
 Qual n'outr'era já foi , a flor do Mundo.

A N T I S T R O P H E V.

De Norte a Sul , e de Levante a Oeste ,
 Singellas alargando
 A Paz as niveas roupas ,
 Do tranquillo regaço já se appresta
 A despargir , mais farta que Amalthea ,
 Os almos fructos do lavor das Artes ;
 E a distender , qual Phebo
 Em seu Zenith , os proveitosos raios
 Da ensombrada Sapiencia , que resurge ,
 E a cujo augusto amparo recolhido
 Goza em reponso o Mundo
 Melhorados os dons da Natureza.

E P O D O V.

Clara Estrella polar , Tua Prudencia ,
 O' PRINCIPE benigno , tem guiado
 Na noute da Politica os Monarcas :

(*) Os Cossacos.



Teu Povo aos outros Povos
 O exemplo do valor, e da constancia,
 E o Teu Governo aos outros
 O ensino foi de derrubar Tyrannos.

S T R O P H E VI.

De flor em flor vagando se recrêa
 A leve Borboleta;
 Minh' ardua Phantasia,
 De prodigio em prodigios discorrendo,
 Esplendida revôa após os muitos
 Des'que aos ardís do perfido Tyranno
 Esquivaste o Teu Sceptro:
 De Teu sublime arrojô estremecida
 Accorda a Europa, e olha, e vê, e admira
 O primeiro barranco das ruinas
 Em que óra despenhado
 Geme debalde o Despota opprimido.

A N T I S T R O P H E VI.

Surgi, Nações: da Gloria os horizontes
 Não mais serão toldados
 De Córscicas procellas . . .
 Mas ai! que em tanto júbilo esmorece
 A Patria Tua, ó PRINCIPE, arquejando
 Crébros suspiros de saudosa ausencia!
 Oh! volve, tão bem vindo
 Como o estivo calor, depois do agudo
 Frio Nordeste d'hybernaes rajadas;
 Ou, depois do fervor do Sirio ardente,
 Para o jardim mimoso
 O orvalho salutar da madrugada.

E P O D O VI.

Verás aos louros triunfaes que a cingem
 Unir Lysia, em gozar-Te mais ditosa,
 Os myrthos do prazer; seus dons requerem,
 Para medrar, Teus olhos:
 Verás . . . mas Clio me arrebatá o plectro,
 Seus divinos concertos
 Só quer que os fira na Presença Tua.

N. A. P. P. M.

CANÇÃO REAL.

TU, PRINCIPE dos PRINCIPES, Tu, Mimo,
 Esmalte, e Flor de pródidos Regentes,
 Tu, Sublime João! hoje que torna,
 Trazido pelas mãos da Primavera,
 De teu nobre Natal o fausto Dia,
 Onde, em q' Eden irei colher a augusta
 Grinalda idonea, e bella,
 Não maculada por meus dedos rudes,
 De q' eu forme a capella,
 Condigna, e propria a tuas mil Virtudes?

Fertil, qual he, o redolente Maio,
 Que t' honrou com a Luz, e á Luz contigo,
 Não cria, não produz viçosa Rama,
 Que te possa bastar, bem q' eu revolva
 O Mundo Velho, ou Novo, hum Clima, ou Outro,
 Nem ao menos a vasta Redondeza
 Protótypos offrece,
 Em cuja excelsa gloria, ou fama sua,
 Qual laurel d'outra espece,
 Símile eu ache á fama, e gloria tua?

Quem ha, ou houve ahi, em prisco Tempo,
 Ou Epoca moderna, que o seu nome
 A gráo tão elevado remontasse,
 Que acima vê de si Astros sómente?
 Não pelo Sceptro, e Diadema, e Solio,
 Filhos ora do acaso, ora da fraude,
 Nem por falso Heroismo,
 Que hum Povo assassinou, e fez retalhos;
 Sim pelo brilhantismo
 De teus egregios, fulgidos trabalhos?

Depois que em vão a Purpura, e a Victoria,
 Degenerando em barbara rapina,
 Partilha forão de rasteiros Corsos,
 Crús, famulentos, da Memoria ao Templo
 A porta s'estreitou, e a sua entrada,

Que seus nomes transmita além das Eras,
 Foi tão só permittida
 A' Solida Virtude, e aos Peitos bravos,
 Q' a virão perseguida,
 Aos Joãos, aos Fernandos, aos Gustavos!

Por aridos caminhos, escabrozos,
 Lubricos, (não de seda, não de sangue)
 Desde então, além disso, e foi a estrada,
 Digna estrada real, ao digno Alcáçar:
 Mas não só desde então; de tempo antigo
 A fadiga, o suor, o prigo, o susto,
 E o público Attestado
 Da sã Justiça, a Via foi, e o Norte
 Para o Templo sagrado;
 Não veredas, ou falso Passaporte.

Affanozos, agrestes os teus dias
 Se tem mostrado, oh PRINCIPE Excelente;
 Porém muito mais floreo, e mais rizonho
 Será por isso mesmo o teu triumpho:
 Se lhe não precedesse o torvo Inverno,
 Tão grata não brotára a Primavera;
 Por que seu roupão feio
 Enróla a pavorosa Noite fria,
 Desdobra em mais recreio
 Seu manto refulgente o almo Dia,

Não, não te pêze, ó PRINCIPE: a teu Brio,
 Valor teu mais comprovão teus revézes:
 Não fere ao vime o raio coruscante,
 Dos bosques ao Atleta, ao roble altivo,
 Quanto mais retalhadò, mais vaidoso,
 Seus golpes só dirige; contra humilde,
 Manso escólho entreter-se
 Neptuno irado tendo por injuria,
 Folga d'ir combater-se
 Contra o rochedo, que lh' empata a furia.

Revézes sim; mas quanto mór desdita
 Aguarda aos que sacrilegos t'insultão!
 Tal de Phebo, ou de Phebe duro eclipse
 Traz aos Campos, que o movem, crise grave;
 Assim quando da cauda incendiosa

Do Cometa agravado no Orbe em susto
 As Centelhas fulminão,
 Ameaçados da peste, ou fome, ou guerra,
 Seu remorso examinão
 Facinorosos Despotas da Terra!

Abandonado hum Throno vacilante,
 (Hum Throno invicto, que Evos dezeseite
 Abalar não puderão,) eis t'engolfas
 Com a innocua Familia em curto lenho,
 Mais não vendo que Ceos, que Terra ingrata,
 Refalsado, ou illuzo Continente;
 Victimias sem destino
 De raivozozos tufões, de mar cavado,
 Turbulento, e ferino,
 Tão surdo como o Brenno, e como o Fado?

Debruçados nos Tectos luminosos
 Com inveja huns do Feito, outros com magua,
 Notando estão a subita Viagem
 Do Sacro Olympo os Numes sacrosantos;
 Olha a hum tempo a catastrophe, Obra sua,
 Mudo, e tranquillo Jove recostado
 Sobre o fatal Volume,
 Ou Codigo das Leis, que em bronze escreve,
 E que já por costume,
 Ou derrogar não póde, ou não s'atreve!

Não importa, oh João! no Livro immenso
 Em letras d'ouro escripta, e registada
 Era tambem a solida Promessa,
 Que hum Deos t'affiançou no Santo Ourique,
 Com a Terra, e c'os Ceos por Testemunhas:
 Deixa; dá, que o rancor dos Elementos
 Inculque inevitaveis
 Os damnos, que teu Animo repelle;
 Das Leis imprescrutaveis,
 Que lavra hum Deos, o Interprete he só Elle:

Eis triunfante és já, eis já punida,
 E do teu feio Exilio extincta a Causa;
 Graças ao teu denodo, e ao do Anglo Amigo,
 Que a Lysia vão quebrar, e ao Mundo os ferros!
 Graças ao teu Brazil, que em ti recebe,



Qual premio seu , aos pr6vidos Indultos
 O Braço sempre prompto ,
 A justiça , a ternura , o doce Aspeito ,
 E as Virtudes sem conto ,
 De que tens cravejada a alma , e o peito !

Teu Serviço , e teu Merito infinito
 Com que pagar não tendo Europa inane ,
 Pelo Corso assolada , era preciso
 Que te remunerasse hum Mundo Novo !
 Rico Mundo maior , que em teu obsequio
 Rasgando-se as entranhas , não cobiça
 D'Azia ou rubins , ou ouro ,
 Nem mesmo d' Africa o devoto Incenso ,
 Fragrantissimo , e louro ,
 Que reparta entre Ti , e Jove Immenso.

Mas , PRINCIPE sem Pár , de mais riqueza ,
 E de S6es Dois America s'escuza :
 A Lysia , que sem ti se julga exhausta ,
 E sem ti ás escuras volve , oh volve !
 Traze a celestial Rainha eterna ,
 A semidiva Esposa , e a Prole Augusta :
 Mal que te conhecêrão ,
 Seu fero orgulho , por que affeito as tragas
 Para sempre abaterão
 Os soltos escarc6os , as rijas vagas.

Sim torna , e em duplicada gloria tua ,
 A fim de libertar-se o Patrio S6lo ,
 Verás por que theor dos Teus, no braço
 Albuquerque surgio , revive Nuno !
 Ou melhor saberás , principalmente
 Do teu fausto Natal no pulchro Dia ,
 Porque segredo , ou arte
 Vassallos a milhões , por vento , ou calma ,
 Para irem vizitar-te
 Tem hum só coração huma só alma.

Canção , quando alguém haja que s'admire
 De que triste , e vizinha ao final somno ,
 Assim remontes a Apollinêa falla ,
 Dize-lhe que teu Dono
 He como o puro almiscar
 Que , quanto mais pizado , mais trescala.

Por Santos e Silva.

